

Paulo-Roberto Andel

Eu lembro e me lembro

Eu lembro. lembro de quase tudo. minha memória é delícia e inferno. Eu me lembro quando fiz sinal para um táxi no colo de minha mãe, assim como me lembro de ser carregado em minha festa de aniversário em 1970, aos dois anos de idade. eu lembro do panduiche na revista e do sujismundo na TV.

Eu me lembro quando meu pai me disse “Félix” e “Fluminense” pela primeira vez em 1973, antes dos cinco anos de idade. Lembro de ver minha mãe chorando quando chegamos a Vaz Lobo para morarmos um ano, em 1976 - eu já tinha oito anos.

Volto a Copacabana em 1975 e lembro quando a ditadura me expulsou da escola, ou quando minha mãe chorou muito ao falar com uma jovem mãe em situação de rua na frente do metrô.

Eu me lembro de Ana Paula, linda, passar pela Figueiredo Magalhães, mas aí já tinha 14 anos e isso tem apenas 40 anos.

Eu me lembro de todas as vezes que precisei chegar em casa para dormir, ou às vezes nem ir, para não ter choques com meu pai doente por alcoolismo.

Eu me lembro de quantas vezes me vi diante do Atlântico Sul e pensei no mistério, no medo e na morte, sonhando em ser alguém digno e poder dormir todas as noites em paz - algo que jamais aconteceu.

Recuo e relembro quando ia com meu pai de Copacabana até São João de Meriti, então pegávamos um belo ônibus que passava pela Dutra e eu me sentia feliz por ser um ajudante de loja aos sete anos de idade.

Lembro de minha mãe comprar uma caixa de madeira de um velhinho na Viveiros de Castro, ele era bem velhinho e essa caixa até hoje serve para guardar meus botões.

Eu me lembro de todas as vezes que sofri bullying na escola, todas as humilhações ridículas e todos os rostos dos algozes - a maioria se tornou a mediocridade esperada.

Eu me lembro de uma garota que beijei sem saber o nome, no meio do Ajuri de Cotia com 10 mil escoteiros em 1985. Lembro de quase todas as admirações e paixões que tive, vividas ou não, não sei se sou lembrado.

Lembro das últimas palavras que não troquei com Xuru e Fred, cujas ausências são dolorosas ao extremo para mim, isso com 14 ou 18 anos atrás. e lembro do dia em que fiquei amigo do Xuru em 1984, assim como lembro da primeira vez em que fui à casa do Fred em 1977.

Eu me lembro de ter visto os Paralamas no Parque Lage, quando ninguém os conhecia.

Lembro de antológicas noites no campo em Arcozelo, Vale do Sol, Imbuí, Serra dos Órgãos e Vésouras.

Eu me lembro de ter acariciado uma gata por baixo da mesa enquanto seu noivo tinha ido ao banheiro do bar, 1995.

Eu lembro de Lula perseguido pela imprensa numa denúncia do Pasquim de 1978. E me lembro do homem cadeirante triste, usando uma sonda debaixo da marquise do shopping dos anti-quários em 1993.

Eu lembro de todas as injustiças e portas na cara que sofri, e me lembro também das pouquíssimas pessoas que me deram a mão sem oportunismo.

Eu me lembro quando chorei de alegria pela primeira vez, quando passei para a Uerj - tem apenas 35 anos.

Minha memória tem coisas demais, é minha delícia e desastre ao mesmo tempo.

Ainda me lembro.

Um pianista prodígio

Filho de percussionista americano e violinista brasileira, William Lehninger Swist faz seu primeiro concerto no país

Divulgação



Aos 11 anos, William já acumula experiência como solista em importantes concertos

Beethoven, Bach, Villa-Lobos, Chopin, Schumann e Prokofiev formam o repertório do primeiro concerto no Brasil de William Lehninger Swist, prodígio do piano clássico que, aos 11 anos, já conquistou importantes prêmios mundiais, como no Concurso Internacional de Piano Aegio.

Com dupla cidadania, do Brasil e dos Estados Unidos -

onde vive -, ele faz sua première brasileira no Consulado de Portugal no Rio neste sábado (30), às 18h, dentro do projeto Música no Museu. A entrada é franca.

Da terceira geração de uma família de músicos, o pianista é filho da violinista brasileira Marcia Lehninger e do percussionista americano Christopher Swist.

Vivendo em Hartford, Connecticut, William demonstrou interesse pelo piano desde os

quatro anos de idade, mas iniciou os estudos formais aos seis, por recomendação de sua avó materna, a renomada pianista e professora Sonia Goulart.

William tornou-se, então, aluno de outra pianista brasileira radicada em solo estadunidense, Raquel Moreno, no Brattleboro Music Center, em Vermont, em 2018.

No ano seguinte, já estreou como solista de concerto, com a Orquestra de Cordas do BMC. Posteriormente, apresentou três recitais solo no Salão Principal do Brattleboro Music Center - junho de 2020, novembro de 2020 e julho de 2021.

Também em 2021, aos 9 anos, William conquistou os dois primeiros prêmios internacionais. Ele venceu o primeiro prêmio na categoria de 9 e 10 anos do Concurso Internacional de Música Barroca de Charleston, na Carolina do Sul, tocando a “Sonata em Dó maior, K. 545”, de Mozart. Também foi um dos vencedores do primeiro prêmio, categoria C, no Concurso Internacional de Piano Aegio de 2021, da Fundação Alink-Argerich - que tem a pianista argentina Martha Argerich como uma dos fundadores.

Em 2022, William foi semifinalista do Concurso Jovem Internacional de Piano Kaufman e finalista da Masterclass Stephen Hough da Orquestra Sinfônica de Vermont, com o Concerto para Piano em Ré Maior de Haydn.

Recentemente, em julho de 2023, fez sua estreia no Carnegie Hall como parte do Concerto de Gala Hotchkiss Piano Portals, apresentando Bach e Chopin. Em agosto, foi selecionado para participar e atuar na Academia de Verão da Universidade Mozarteum, sob a tutela de Andreas Weber.

SERVIÇO

WILLIAM LEHNINGER SWIST
Consulado de Portugal (Rua São Clemente, 424, Botafogo) 30/9, às 18h
Entrada franca